

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2008 - ANO XII - Nº 134

Foto arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Neste mês, o Estafeta une-se à comunidade piquetense para comemorar uma data que nos é muito cara: o aniversário da inauguração da Fábrica Presidente Vargas ocorrida no dia 15 de março de 1909.

Com essa indústria bélica quase todas as famílias de Piquete mantêm estreito vínculo afetivo. A Fábrica foi e continua sendo a razão da existência do município. Para os que trabalharam nesse estabelecimento e com seus esforços concorreram para o seu progresso e engrandecimento, 15 de março constitui uma data de grande importância, pois marca mais uma etapa vencida à força de trabalho fecundo.

Numa retrospectiva, constata-se que o que na Fábrica foi realizado ao longo desses 99 anos é prova evidente da capacidade criadora de seus antecessores e de todos que nela ainda trabalham incansavelmente. A história da Fábrica é pontilhada de nobres e dignificantes exemplos de atitudes e gestos magnânimos de desprendimento de seus operários, muitos com o sacrifício da própria vida. Essas atitudes e gestos servem para imortalizá-los como exemplos de patriotismo e de trabalho voltado para a defesa nacional e o engrandecimento do país.

Orgulham-nos a vitalidade dessa indústria, obra primorosa do Exército brasileiro, e a capacidade de nossa gente. Esteio das Forças Armadas, encerra uma responsabilidade que sempre foi assumida por gerações de servidores, as quais passaram por suas oficinas com a determinação e a energia que não somente conservam seu patrimônio, mas também o enriquecem com novas e valiosas aquisições em material e experiência.

Ao registrarmos a passagem de mais um aniversário dessa poderosa indústria bélica, o Estafeta e a Fundação Christiano Rosa parabenizam sua direção e funcionários, desejando-lhes progresso e crescimento.



O rio Benfica morre um pouco a cada dia. Morre pela poluição causada pelo esgoto e lixo, morre pelo assoreamento e falta de mata ciliar. Morre, também, pelo abandono e desinteresse das pessoas. É hora de recuperá-lo!

Sociedade preocupada com a água

Instituído pela ONU em 1993, o Dia Mundial da Água, 22 de março, é um momento para reflexão e tomada de decisão sobre este tema, de vital interesse a todos.

Toda atividade por meio da qual o homem se inter-relaciona com o meio físico provoca alterações ambientais: desmatamentos, queimadas, ocupação de áreas protegidas por lei, lançamento de esgoto em rios e córregos... Todas interferem na qualidade da água.

Os veículos de comunicação apontam, cada vez mais, a preocupação da sociedade para diversos aspectos relativos aos recursos hídricos, como saneamento básico, poluição, conservação e reutilização. A escassez de água vem causando conflitos em muitas regiões. Vinte por cento da população mundial não têm acesso à água potável e cinquenta por cento vivem sem saneamento. A situação é complexa e exige intervenção imediata para se solucionar esses problemas e se proteger as nascentes e rios.

Apesar de o Brasil ser um país privilegiado, pois detém 11,6% de toda água doce do planeta, aqui essa água está mal distribuída e tende a faltar. A cultura do desperdício predomina, pois ainda se acredita que a água é um recurso natural ilimitado. Políticas públicas e o melhor gerenciamento dos recursos hídricos em todos os países tornaram-se essenciais para a manutenção da qualidade de vida. Se a questão da escassez não for resolvido, se tornará um entrave à continuidade do desenvolvimento

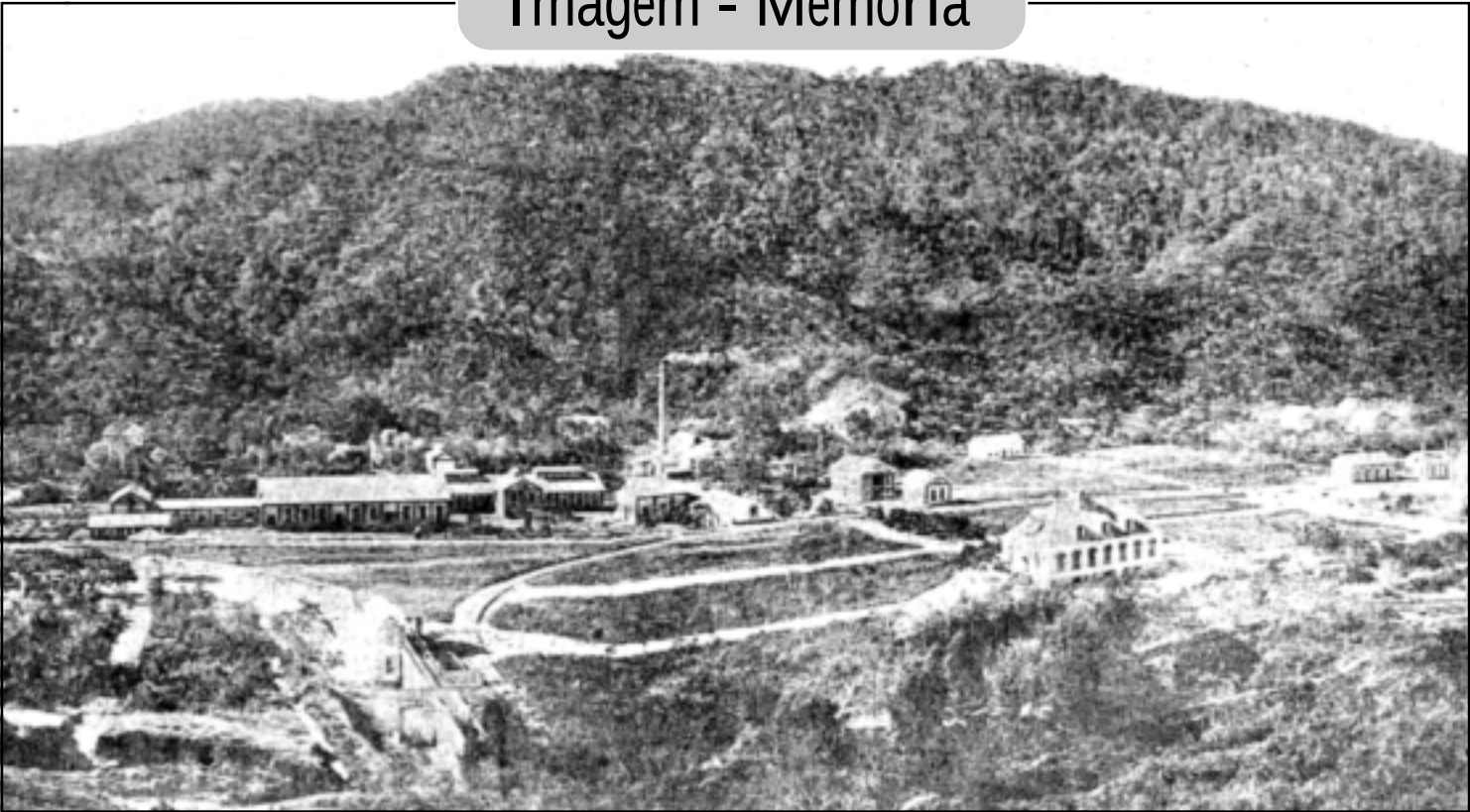
dos países, resultando em problemas, entre outros, sociais e de saúde. Segundo a ONU, 50% da taxa de doenças e morte nos países em desenvolvimento ocorrem por falta de água ou pela sua contaminação.

No Vale do Paraíba, a qualidade da água servida à população está sendo questionada, como aponta o Jornal Valeparaibano em manchete do dia de 16-03-08, página 22: "Saúde reprova água consumida no Vale". Os resultados são baseados em planilhas elaboradas a partir de coletas realizadas por equipes técnicas ao longo de 2007. Entre os fatores que contribuem para esse resultado estão o excesso de cloro, a elevada turbidez e a presença de coliformes fecais, problemas que podem contribuir para o desenvolvimento de doenças. Segundo a matéria, relatório emitido pela Vigilância Sanitária do Estado aponta que 18% das amostras não atendem aos padrões de potabilidade do Ministério da Saúde. Apenas dois municípios não tiveram amostras reprovadas: Monteiro Lobato e Santa Branca.

A crescente necessidade de água e a limitação dos recursos hídricos exigem um planejamento bem elaborado pelos órgãos governamentais, visando à aplicação de técnicas que permitam seu melhor aproveitamento.

Cada cidadão tem direito de usufruir da água, mas tem também o dever de preservá-la. Deve utilizá-la de forma consciente, sem desperdício, atribuindo-lhe, assim, seu devido valor. Preservar a água é preservar a vida. Não desperdice!

Imagem - Memória



Ao comemorarmos o 15 de março, constatamos, mais uma vez, que o notável desenvolvimento alcançado pela nossa Fábrica foi resultado da capacidade e do patriotismo de seus administradores, da operosidade, abnegação e sacrifício de todos que nela trabalharam. Foto de 1909.

Síntese histórica da Fábrica Presidente Vargas

Nos primeiros anos do século 20, a população do município de Piquete não passava de três mil almas. Seus habitantes viviam, na maioria, dos serviços de pequena lavoura e de um incipiente comércio. Nas antigas fazendas, os cafezais que, décadas atrás, produziam abundantemente, agora definhavam devido à exaustão do solo. A falta de perspectiva de desenvolvimento assombrava a todos. Essa situação mudou com a instalação, na Fazenda da Limeira, em julho de 1905, da Comissão Construtora da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, composta por engenheiros militares. A escolha de Piquete para a instalação dessa indústria bélica encheu de esperança os moradores da pacata Vila Vieira do Piquete. O início dessas obras provocou súbito crescimento de sua população urbana, recebendo operários de diferentes regiões. Foram dois anos e meio de árduos trabalhos, em que o estímulo e a perseverança venceram todos os obstáculos. Em setembro de 1908 chegou a Piquete a primeira parte do maquinário adquirido junto à empresa americana Dupont de Nemours, para o funcionamento da Fábrica. Acompanhavam o material três engenheiros daquela empresa autora do projeto. Assim, em 15 de março de 1909, a Fábrica era oficialmente inaugurada com a presença do Presidente da República, Afonso Penna, e entregue a oficiais da Artilharia para colocá-la em funcionamento. Em 30 de agosto desse mesmo ano, era enviado o primeiro lote de pólvora ali produzido. Era destinado à Fábrica de Cartuchos e Artefatos de Guerra de Realengo, no Rio de Janeiro.

Numa época em que a indústria química brasileira dava seus primeiros passos, a Fábrica de Pólvora sem Fumaça libertava o Brasil das dependências dos mercados estrangeiros. Isso aconteceu devido ao grande investimento do governo federal, que, preocupado com a defesa nacional, tratou de dotá-la com todos os recursos que garantissem a sua autonomia e o seu ininterrupto funcionamento. Para isso, à Fábrica foram reunidas instalações completas para a manufatura de todos os ácidos de que precisasse, do algodão-pólvora, dos diferentes dissolventes, sem contar as instalações subsidiárias relativas à reparações, consertos e melhoramentos. Daí a sua natural divisão em cinco grupos distintos, estruturados para esse objetivo. O primeiro grupo era destinado à produção dos ácidos. O segundo, ao algodão-pólvora. O terceiro fabricava os dissolventes. O quarto produzia a pólvora. E o quinto compunha-se das instalações para a produção de força, luz e calor, as de reparos e melhoramentos, carpintaria, latoaria, confecção e pintura dos cunhetes, todo o serviço de comunicações telegráficas, telefônicas e ferroviárias. Esse quinto grupo compreendia as atividades da Fábrica e do Ramal Férreo que ligava a Fábrica à cidade de Lorena. Este ramal tinha 21km de extensão. Seu tráfego era aberto à população de Piquete e dava escoamento, também, aos produtos que vinham do Sul de Minas. Assim como a Fábrica, a ferrovia teve engenheiros militares responsáveis por sua construção. Inaugurada em set/1906, serviu como via de transporte para o material empregado na construção da Fábrica.

A partir de 15 de março de 1909, a Fábrica de Piquete foi ampliada, aperfeiçoando-se sua produção. Cresceram substancialmente seu valor patrimonial e o número de operários. Ampliaram-se suas instalações e os serviços sociais destinados a atender seus servidores.

No seu contínuo progresso, destacaram-se os melhoramentos ocorridos entre 1937 e 1942, período em que a Fábrica foi inteiramente reformada e aperfeiçoada, além de haver sido dotada de maiores e mais modernas instalações.

Por essas razões principalmente, em aviso de 8 de dezembro de 1942, determinou o Ministro da Guerra a alteração de seu nome de “Fábrica de Piquete” para “Fábrica Presidente Vargas”, em homenagem ao Chefe de Estado que proporcionara tão grande e rápido impulso ao estabelecimento.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editores: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Luiz Serafim Machado

Por muitos anos ele trabalhou na Fábrica Presidente Vargas. Fala da extrema dedicação e profissionalismo exigidas de um operário naquela indústria de explosivos, ainda mais nas oficinas do 4º Grupo, onde era finalizada a fabricação da pólvora. Luiz Serafim Machado era um dos responsáveis pela produção de pólvora de base simples nesse grupo: “qualquer descuido era sinônimo de graves problemas... Era constante o risco de morte”, diz, pensativo.

Nascido em 31 de dezembro de 1925, no bairro da Meia-Lua, na Serra da Mantiqueira, Luiz Serafim Machado era o filho caçula de José Serafim Machado e Andreлина Maria de Jesus. Menino, ajudava os pais na lavoura. Plantavam, para subsistência, roças de arroz, milho, feijão, batata e cana, e criavam porcos. “Da cidade, levávamos apenas o querosene sal”. O excedente da produção era enviado para uma grande venda de propriedade do tio, Joaquim Serafim Machado, na rua Cel. Luiz Relvas. No Meia-Lua, freqüentou a escola rural do bairro. Foi aluno, nos quatro anos do curso primário, da professora Benedita Guimarães, de Guaratinguetá, irmã do padre João Marcondes Guimarães, primeiro pároco de Piquete. Adolescente, empregou-se na empreiteira que estava abrindo a rodovia Lorena – Itajubá. Com 18 anos, foi servir no Tiro de Guerra do Contingente de Vigilância da Fábrica. Era tempo de guerra: as manobras e os treinamentos eram pesados, uma vez que Piquete e a Fábrica haviam sido declarados zona de segurança.

Foi após deixar o serviço militar que começou a trabalhar na FPV. Naquele período, “a produção era intensa devido à II Guerra Mundial”. Cita que o mestre responsável pelo 4º Grupo era Eurico Fernandes e o encarregado da oficina, João de Deus e Silva. Seu Luiz Serafim ratifica a importância de se ser aplicado no trabalho:



“sabia que minha vida e a de muitos dependiam de nossa perfeição. Por isso, trabalhávamos, eu e meus companheiros, com toda atenção”. Lembra, porém, que, mesmo com todos os cuidados, acidentes aconteceram e ceifaram a vida de muitos. Foram vários os operários que heroicamente tombaram em prol das atividades daquele estabelecimento fabril militar. O civismo e o amor pelo trabalho reforçavam a idéia de que a Fábrica sempre estava intimamente ligada à defesa nacional.

Ainda hoje emociona-se ao lembrar a Fábrica, as visitas ministeriais, a vinda do presidente Dutra e a morte de Getúlio Vargas, criador de grandes benefícios para o operariado e conhecido como “pai dos pobres”. “A cidade inteira se comoveu...”

Esse antigo morador da Vila São José casou-se, em 1949, com Ana de Castilho Machado. Tiveram sete filhos, quinze netos e um casal de bisnetos. Após 30 anos na FPV, aposentou-se como artífice de explosivos, passando a se dedicar a obras da

Igreja, como Ministro da Eucaristia. Trabalhou, ainda, em diversas outras atividades, para aumentar a renda familiar.

Orgulhoso de sua história de vida e dedicação à Fábrica, mostra sua carteira de reservista, na qual está estampado um pensamento que sempre lhe norteou o comportamento e a vida: “Pronto a amar e honrar por toda a vida minha querida Pátria e pugnar por lealdade e perseverança. Tudo pela vitória do Brasil”.

Três dias para a eternidade...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Há uma piada em que certa personalidade arrogante e prepotente manda que seus advogados levistem o custo de um jazigo em Jerusalém... Quando recebe a resposta – algo em torno de US\$ 1 milhão – admira-se: “Tudo isso por apenas três dias?!!!”

Neste mês de março, de acordo com determinação de data que não entendo muito bem, relembramos acontecimentos ocorridos há mais de dois mil anos com a maior personalidade de todos os tempos. Um homem que, sem o poder da mídia, sem participar de BBB algum, sem ser jogador de futebol, e do qual não se conhece a verdadeira face, está vivo até hoje. Sem levar em conta sua existência ou não, é inquestionável seu poder de sedução, sua força midiática, a abrangência de seu nome... E – o mais importante – sua mensagem é simples, imparcial, abrange todos, sem exceção, e pode ser resumida em uma frase também atribuída a ele: “ame a todos como a si próprio”.

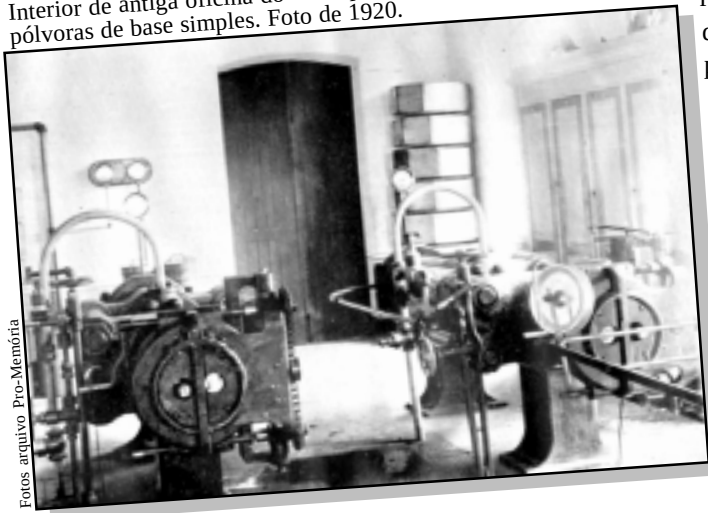
Assisti recentemente um filme em que temos a religião como uma das tramas paralelas. Um dos protagonistas, questionado sobre sua religião, responde ao filho que segue somente um mandamento: “Não roubar”. Explica sua filosofia: quem mata rouba a vida à sua vítima; quem mente rouba o direito à verdade; quem bebe ou se droga rouba ao corpo o direito a estar são... E por aí vai.

Nos casos citados acima, a fé e o amor são o foco. No primeiro, o amor incondicional de um homem à humanidade fez que servisse de exemplo atemporal. No segundo, um pai passa ao filho sua filosofia de vida atrelada ao amor ao próximo e desvinculada da religião. Ambos os casos são completos e se completam; bastam-nos como o norte de nossas vidas, desejemos seja lá o que for. Se ambiciosos, que o sejamos dentro do respeito aos colegas da vida, do serviço, dos bancos escolares. Se humildes, respeitemos o dever de nos amar; caso contrário, estaremos nos furtando direitos talvez essenciais.

Portanto, mantenhamo-nos de acordo com a lição principal desse personagem que é lembrado anualmente e tenhamos nossa filosofia de vida conforme nossos princípios, sem necessariamente o dever de seguir uma religião.

Alguém, porém, pode questionar: mas o primeiro homem citado furtou-se a si próprio o direito à defesa... Não por assim o desejar: lembrem-se do “Oh, Pai, por que me abandonaste?”. Portanto, ele tentou. Além de tudo, sua causa era infinitamente grande. Por isso, mereceu apenas os três dias os quais o arrogante do começo do texto também desejava. Como estamos longe de lutar por tão nobre e abrangedora causa, contentemo-nos com a dúvida sobre o que acontece além desses três dias. Mas, também com a certeza de que não nos furtamos nada, nem a ninguém...

Interior de antiga oficina do 4º Grupo, onde eram fabricadas as pólvoras de base simples. Foto de 1920.



Memorial dos Moradores de Piquete - 23

O Carnaval foi um bom momento para me lembrar do Marinho. Mulato ou pardo, uma questão não necessariamente importante pra se lembrar dele, localizando-o nos quadros da memória afetiva.

Não tenho certeza se ele é vivo, ou se já mudou de referência vital. Para a memória, a imagem permanece.

Portador de uma simpatia extraordinária, a voz era doce, os gestos amplos, a humildade total. Funcionário da Fábrica Presidente Vargas, colecionava amigos de todos os lados numa Piquete pequena, onde todos se encontravam.

Morava com a também simpática esposa na Praça da Bandeira. Gente simples e acolhedora. Eram grandes cultores e apreciadores do Carnaval.

Trabalhar com a memória é muito difícil, porque, com o tempo, os dados se embaralham. Entretanto, as imagens se recompõem, e colocadas como se estivessem sob um foco luminoso, revelam-se em pormenores – altura da pessoa, forma do rosto, tipo do cabelo, sorriso, modos de falar e gestos, características que a identificam e compõem um repertório avaliativo.

Pois bem. Marinho e a mulher eram carnavalescos, e do Carnaval gostavam de tudo. Organizavam um bloco que ensaiava na própria casa, casa de fundos de um salãozinho que servia a interesses comerciais.

Algumas noites lá estive em companhia de meu pai, amigo de Marinho, para assistir a um desses ensaios. Tudo improvisado e tão simbólico! Em fila, os participantes ensaiavam as evoluções. Interessante observar o jogo dos corpos com o ritmo improvisado em poucos instrumentos para dar a cadência. A coreografia se improvisava na base dos palpites dos participantes. Na noite carnavalesca, lá ia o bloco formado – um pequeno número de pessoas, com fantasias simples –, que atravessava as ruas da cidade, tendo como foco de representação a Praça da Bandeira. Lá onde tudo acontecia.

Marinho, o sorriso largo, estimulando e chefiando os demais. Mas, se chovia, era uma desolação, e o remédio era sambar no salãozinho, cantando e sorrindo, pois, afinal, era Carnaval, e este requer alegrias.

Os blocos da cidade tinham sua organização. Mas o ponto referencial era a Praça da Bandeira. A praça funcionava como o centro civil e cívico – era da Bandeira.

Possuía um obelisco, um pequeno minarete apoiando um mastro, e lá se colocava a bandeira nacional. O pavilhão, com a Mantiqueira ao fundo, compondo o cenário, mostrava-se imponente. Hoje, da bandeira a praça só tem o nome. Seria interessante



Praça da Bandeira. Ao fundo, à esquerda, a casa do Sr. Marinho

que algum totem fosse deixado para dar sentido ao nome e ao significado que lhe deu referência e história.

A praça fora completada na gestão do Prefeito Geraldinho Alves, de um projeto iniciado pela fase administrativa de José Monteiro de Brito Junior (Juca Brito), e, por sua ocupação espacial, unia as duas partes do Piquete: o propriamente dito e o das vilas São José, Esperança e Barão, que, pelos caminhos de origem representavam a formação mais primitiva do núcleo urbano municipal. Caminhos da passagem das tropas dos tropeiros e das mulas dos jacás plenos.

Na Praça da Bandeira estavam o hotel da família Brazilino, o posto de gasolina do Miguel Purcino, a padaria de cujo nome já não me recordo, a barbearia que meu pai freqüentava – centro social dos comentários, os bares dos freqüentadores fiéis e as lojas dos sírio – libaneses que iam chegando: os Rafoul, João e André. Depois pra lá foi o Tomé Serafim e dona Genoveva. Chegou também a família Hanks – Sr. Elias e dona Nájela –, além de Michel e Elias Gosn e outros. Lá eram realizados comícios políticos e manifestações civis; era uma parte de não influência militar, das poucas nas quais essa influência não se deu, pelo menos diretamente. Ali estava o povo. Por aí passavam as procissões mais importantes, os corsos carnavalescos e as marchas cívicas, hoje substituídas pelas carreatas, sem a mesma força. Naquelas, a adesão popular acabava mais imediata. Difícil não ser contaminado pela empolgação.

Portanto, lá acontecia o Carnaval, festa popular por definição. Lá se instalou a

Associação Comercial e moravam algumas famílias, entre elas o Marinho e esposa.

Os desfiles militares foram realizados na praça que se constituiu para esse fim, segundo os projetos da direção da Fábrica Presidente Vargas. O eixo de concentração

foi se deslocando para aí, a partir de um projeto harmônico no entorno dos edifícios que compõem a nomeada, não sem motivos, Praça Duque de Caxias, no campo das representações. Um núcleo militar extensivo da Vila Militar e dos estabelecimentos fabris bélicos.

Hoje, a Praça Duque de Caxias, devolvida ao paço municipal, sofreu radical transformação, ao gosto talvez das idéias massificadas que se ligam ao transporte motorizado febril e a uma população

ávida de desbordamento.

O Carnaval perdeu a brejeirice dos tempos do Marinho e passou a incorporar influências televisivas, para estar de acordo com a modernidade. Foram-se as marchinhas e os sambas tradicionais, substituídos por um ritmo eletrificado em alta sonoridade, no chamado apelo das globalizações. Mas, sempre que retomadas, aglutinam.

Nos ângulos das esquinas e nas vertentes dos morros, os velhos sons se escondem nos desvãos da memória e ecoam nas pedras como murmúrios insondáveis, enquanto as frenéticas baterias anunciam uma gente desesperada por ser alegre.

E a nossa Praça da Bandeira, sem nem bandeira, jaz adormecida no seu sonho de recordações, ocupada por gente desesperançada...

Na casa da esquina, onde hoje funciona um estabelecimento comercial, dando acesso às ruas Gal. Almir F. de Sá e Mestre Targino C. Cunha, a memória do Marinho e esposa corporifica-se à busca dos antigos sinais das antigas casas operárias da Vila Duque de Caxias. Esta, definida territorialmente como um dos limites da Praça da Bandeira por um portal não mais existente. Marca de separação entre o civil e o militar, para compor um quadro de representações simbólicas, parte de nosso passado.

Aqui está uma memória de registro pessoal da autora. Não tem função documental. Peço aos que perceberem lacunas ou erros que escrevam para o jornal comentando. Acatarei e agradecerei as correções.

Dóli de Castro Ferreira

Celeste

Lembro-me de quando Celeste nasceu. Sei que foi num 1º de abril, mas não sei precisar o ano. Um tempo em que eu era menina, acho que do Grupo Escolar, que ia diariamente à casa dos pais dela, pois “seu” Christiano Rosa fornecia o leite medido na hora, do latão recém-transportado da ordenha na fazenda ou sítio, e para o qual eu portava uma caneca grande para um litro. Dona Aída, mãe de Celeste, e Dona Ana, a avó materna, recebiam-me com muito carinho. Contaram-me do nascimento da Celeste, e quando ouvi o nome que lhe deram, curiosa que sempre fui quanto ao significado das palavras, pensei – se é Celeste o nome da menina, significa que veio do céu. Imaginei Celeste descendo do céu, onde teria brincado com os anjinhos, pois além de tudo, remetia-me a um filme estrelado pela menina Shirley Temple, com seus cachinhos louros emoldurando o rosto angelical, cuja temática era essa, a dos bebês que, antes de nascer, eram criaturas celestes. Acho que o filme se chamava “O Pássaro Azul”.

Pois bem. Celeste veio e agora voltou para lá, deixando um rastro de luz.

Viveu iluminada pelo trabalho, ótimas idéias, o espírito empreendedor que herdou do pai, a doçura da mãe e as mãos dedicadas ao trabalho manual criativo da avó. Mas também valorizou muito a cultura, as pesquisas, a descoberta das razões que envolvem o espaço físico e o reconhecimento das questões ambientais, na valorização do local onde nasceu. Da História, cultivou os documentos, consultou-os atentamente e se dedicou aos que poderiam, de alguma maneira, alimentar sua dialógica busca. Visitei Celeste, muitas vezes, e ela, sempre envolvida com as pesquisas, era uma grande interlocutora. O espírito empreendedor canalizou as idéias geradoras e gerenciais, e a fez criar estabelecimentos de comércio que valorizam nossa cidade. Nelas encontramos o resumo de Celeste Aída Antônia da Rosa, cujo nome já é um poema delicado e harmônico.

Nunca vi pessoa tão interessada em nossa História fundadora. Cultura do ideário e da natureza, criou mostra fotográfica e iconográfica de nossas belezas naturais, dos rios e cachoeiras às montanhas, às flores e aos pássaros. Estimulava todos os produtores culturais e de arte. Divulgava e comercializava as obras dos piquetenses, expondo-as em destaque nas suas vitrines. Cultuava a Pedra do Piquete, a propósito da qual promoveu uma reunião cultural e científica entre amigos e de que escrevi um artigo. O artigo é uma homenagem a ela. Foi tudo documentado. Espero que essa memória esteja guardada e seus herdeiros a conservem. Conservem o rico arquivo da Celeste.

Há muito o que falar dela, e cada um tem de Celeste um reflexo. Pois, do lugar para onde retornou, quer do retorno ao berço natal, após cumprir profissionalmente sua missão, ao celeste ponto que se lhe destinou o espaço vital em que viveu entre esses dois focos, Celeste vive e ilumina.

Dóli de Castro Ferreira

“Olho nele...”

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) lançou no final do ano a campanha “Olho Nele”, para lembrar ao eleitor que ele é responsável pela atuação do candidato que escolheu. A campanha foi veiculada entre 24 de dezembro e 24 de fevereiro de 2008. “O candidato que você elegeu é você lá. Olho nele!”, recomendava o TSE.

Essa campanha, segundo o ministro Marco Aurélio, presidente do TSE, “tem por objetivo lembrar os eleitores do compromisso com a democracia e com o aprimoramento das instituições.” As peças publicitárias foram produzidas pela Fundação Padre Anchieta / TV Cultura de São Paulo. Além dos filmes veiculados na televisão, foi criado um “spot” de rádio. “O seu candidato foi eleito? Você está satisfeito? Está de olho nele? Você é

responsável pelo país que nós somos. O Brasil é tão bom quanto o voto que você colocou na urna”, destaca a personagem de um dos filmes. “O candidato que você elegeu é você lá. Olho nele”, completa o locutor.

No outro filme de trinta segundos, uma professora ensina aos alunos a seguinte conjugação: “Eu estou de olho. Tu estás de olho. Ele está de olho. Nós estamos de olho. Vós estais de olho. Eles estão de olho.” Segue-se o refrão “O seu candidato foi eleito?...”

Neste ano em que teremos eleições, nada mais oportuno do que esta campanha. Afinal, você se lembra de quem foi seu candidato a vereador, prefeito, deputados estadual e federal e presidente?? Se não lembra, passe a se preocupar com isso...

Assoreamento do Piquete: problema interestadual

O ciclo hidrológico é detentor de alto grau de complexidade e dinamismo. De maneira genérica, ele está ligado ao movimento e à troca de água em seus diferentes estados físicos. Com o aquecimento solar, a água evapora e entra em contato com nuvens cuja temperatura é inferior à da superfície terrestre, se condensa e retorna à superfície sob forma de precipitação (chuva, granizo e neve). Nas áreas continentais, a bacia hidrográfica é responsável pela captação das águas precipitadas e é palco de importantes transformações das paisagens encontradas na superfície.

Através de fatores hidrológicos (quantidade e distribuição de precipitações, estrutura geológica, cobertura vegetal...) se dá o processo de esculturação da rede de canais e das paisagens dispostas ao longo da bacia hidrográfica. Os sedimentos desse processo são transportados pela rede hidrográfica. O conhecimento minucioso das condições de produção, remoção, transporte e deposição desse material é importante para se esclarecer e se interpretar a evolução histórica de paisagens na escala geológica e se identificar interferências antrópicas nocivas ao ambiente natural.

O trabalho sob o título “Caracterização e Proveniência dos Sedimentos em Suspensão da Porção Paulista da Bacia do Rio Paraíba do Sul”, da Universidade de Brasília, vem elucidar um problema detectado no município de Piquete. Segundo esse trabalho, a bacia do Rio Piquete é a que mais

lança sedimentos na calha do Rio Paraíba do Sul, contribuindo para o assoreamento do Reservatório de Funil, no Rio de Janeiro. A qualidade da água desse reservatório é de extrema importância, pois cerca de dois terços da água drenada pelo Rio Paraíba do Sul, após sua barragem, são transpostos em direção da bacia do Rio Guandu, que é responsável por abastecer a região metropolitana do Rio de Janeiro. Ou seja, cerca de 8,7 milhões de habitantes dependem da transposição do Paraíba do Sul. Além de ser uma das principais contribuidoras para o assoreamento do Reservatório de Funil, a Bacia do Rio Piquete é responsável pelo abastecimento da cidade do mesmo nome.

Para solucionar o problema local e amenizar o problema interestadual é necessário que os tomadores de decisões, o Ministério Público e a organização civil elaborem e executem, com caráter de urgência, um plano de gestão dos recursos naturais do município. Importante ferramenta para a elaboração desse plano é o engajamento da população, pois ela é a principal beneficiária dos recursos naturais. Essa mesma população pode fomentar a criação do plano de gerenciamento dos recursos naturais por meio de debates públicos, acompanhamento e cobrança dos trabalhos da Câmara Municipal e da Prefeitura, visitas ao Ministério Público e apoio aos trabalhos já iniciados no município por outras organizações da sociedade civil.

Santos, T.B.



Crônicas Pitorescas

Aspirante escoriado

Palmyro Masiero

Vir a ser um escritor era o ideal de um aluno que levou tal aspiração ao seu professor de língua portuguesa. O mestre o ouviu e deu-lhe as mesmerrimas dicas: estudar muito, ler cada vez mais e escrever, escrever sempre. Procurar uma idéia central e, à sua volta, dependendo do que se dispunha, desenvolvê-la.

O jovem voltou satisfeito à carteira com a promessa de ajuda de seu mentor nas correções de suas tarefas e outros julgamentos ou críticas do que se apresentasse. A partir dessa entrevista, suas redações voltavam sempre com uma série de anotações em vermelho chamando a atenção para essa ou aquela regência, problemas ortográficos, etc. Exemplo: numa palavra de certa oração estava um círculo, dele saindo um risco até um trecho limpo do papel onde, dentro de uma balão maior lia-se: “Não pode AONDE, pois o verbo não indica movimento e nem exige a preposição “a”. O certo é ONDE, já que o verbo indica permanência”. Esse método passou a ser utilizado em todas as redações do aluno deixando-as completamente carminadas.

Inicialmente, o rapaz estava gostando da aulinha particular escrita, mas com o tempo foi-se chateando de tantas anotações, corrigendas e conselhos, tudo em vermelho, esmorecendo, em consequência, sua motivação. Outro escrito e, em letras maiúsculas e rubras ao seu término, encontrara um comentário: “Procure dar mais força, mais vivacidade e colorido ao seu pensamento. Utilize as figuras de linguagem”. O pré-escritor sentira-se frustrado e encontrava-se a ponto de ir ao professor e dizer-lhe que seu interesse pelas letras fora quimérico, simples fogo de palha. No fundo, estava adquirindo antipatia do mestre pelos pacotes de erros e contras ao que escrevia. Talvez não passasse mesmo de um natimorto literato.

Esse pensamento aniquilava-o, e na primeira redação para nota exigida pelo mestre aproveitou para mandar seu desafo, cujo único fito consistia em demonstrar a terminalidade de sua sonhada carreira. Vamos lê-la:

“Ó doce e venenosa ‘última flor do

Lácio’! Meus pensamentos alam por espaços jamais pressentidos e procuro, com as tísicas forças da minha imaginação, escrever o que sinto com mais força, vivacidade e colorido. Tudo em vão... Invado, com ânsia inaudita, o universo das figuras de linguagem, tentativa extrema para que possa exprimir claramente o que se embola em meu espírito.

No éter infinito do acanhado cérebro, chego ao destino: o paraíso das figuras. Antevejo três portas. Adentro a primeira, onde se lê no frontispício: FIGURAS DE PALAVRAS. Que vejo?! A METÁFORA acasalada com uma semelhança, retirando a afinidade de sentido da METONÍMIA, numa disputa tola. A CATACRESE aplicava um termo que encontrara na cabeça da qualidade do ser notabilizável da PERÍFRASE! Saí zozinho daquele ambiente. Entrei pela porta segunda: FIGURAS DE PENSAMENTO: Ah, também uma situação revolta. A ANTÍTESE estava naquela do gato e do rato, povocando o sarcasmo da PROSOPOPEIA pela insólita rima. O EUFEMISMO, muito delicadamente tentava amenizar as atitudes exageradas da HIPÉRBOLE. Terrível... Mais ainda atordoei-me. Passei pela última porta, a das FIGURAS de SINTAXE. A situação era melhor? Pois sim!... a ELIPSE continuava dando seus golpes; o PLEONASMO, indiferente, matraqueava a mesma idéia; o ANACOLUTO interrompendo o período a todo instante, demonstrando falta de personalidade; o HIPÉRBATO abusava de todos alterando a ordem natural das palavras nas orações alheias; e, caluniada, a SILEPSE fazia ocorrer a concordância impudica de GÊNERO, de NÚMERO e de PESSOA. Um mundo complexo, enovelado.

Regressei mais confuso que quando entrara. Ó doce e venenosa ‘última flor do Lácio’! Quem sabe, um dia, a gramática se enamore de mim e minhas idéias maravilhosas não mais escorreguem por uma ‘língua paralítica’ ou pela ponta de uma caída doida e nêscia”.

Recebeu bom conceito. Em vermelho, ao final da redação, estava escrito: “Você leva jeito”.

A lenda do jambeiro

Edival da Silva Castro

O velho jambeiro da Praça José Vieira data do tempo dos avós dos nossos avós.

Dizem que nasceu ali graças a um tucano que trouxe o caroço de longe e o deixou à margem do rio. Quando tomava água, assustou-se com a mãe-d’água, voou e nunca mais voltou. Ela enterrou o caroço, e todos os dias o regava com grande carinho, até começar a germinar e crescer, para dar frutos rubros e saborosos. E ela predisse:

– Aqueles que comerem do fruto desta árvores gozarão de paz e amor pelo resto dos dias.

O tempo decorreu...

O jambeiro, ali arraigado, assiste a vida passar. Faz gosto de todos os piquetenses. Tanto que, para preservar os frutos quando ainda verdes, o Biju, barraqueiro do antigo mercado, punha-se em vigia.

Eu vim a conhecê-lo e a saborear seus frutos, ainda menino; de calça curta e descalço passeava nos galhos à procura deles.

Quando frondoso, deu proteção a charreteiros, pipoqueiros e ambulantes. Já matou a fome de andarilhos, absorveu súplicas e desabafos, e suas flores brancas e vistosas enamoravam a todos que por lá passavam.

Os truqueiros, com trejeitos improvisados, gritam e bagunçam, e o lendário jambeiro, cansado, desganhado, acompanha a troça do truço, quieto e surrado.

Muitos já o descreveram. Lembro-me de quando o saudoso Nelo Pelegrine o fez em sua crônica “Uma árvores de jambo”.

Hoje, a floração é precária; os frutos, quando eclodem, são minguidos, as aves frugívoras apenas descansam nele, e os beija-flores, há muito, estão sugando noutras plagas.

Ei-lo- lá, envelhecido, galhos quebrados, sem a antiga copa frondosa, e esquecido.

Encontro Nacional de Jongueiros

Acontecerá em Piquete, nos dias 25 e 26 de abril, o **XII Encontro Nacional de Jongueiros**, que é realizado anualmente em municípios nos quais a comunidade jogueira é representativa.

Coordenado pelo grupo “**Jongo de Piquete**”, o evento deverá trazer mais de mil jogueiros de 18 comunidades de 16 cidades do Brasil.

O Encontro contará com seminários, mesas de debates, shows e apresentações de jongo, que acontecerão no Elefante Branco e na Praça Duque de Caxias.

O jongo faz parte da cultura piquetense e deve ser prestigiado. Confirmam a programação e compareçam!

“Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer.”

Machado de Assis (21/06/1839 - 29/09/1908)

Cursos de Educação Ambiental e Viveiristas promovidos pela FCR

Segundo o governo paulista, no Estado de São Paulo existe um milhão de hectares de áreas ciliares que precisam ser recuperados e reflorestados. Para atender essa demanda, é necessário produzir, plantar e manter 2 bilhões de mudas. Esse desafio só será vencido com a realização de pesquisas, desenvolvimento e transferência de tecnologia, conscientização da sociedade e capacitação de diferentes atores sociais.

Visando a colaborar com o Estado e com a melhoria da qualidade de vida da população de Piquete, a Fundação Christiano Rosa vem elaborando, desenvolvendo e coordenando a execução de projetos como o de *“Recuperação de Matas Ciliares na microbacia do ribeirão Limeira”*. Neste mês de março, mais etapas previstas foram concluídas: o plantio de mais 12 mil mudas e cursos de viveiristas e de Educação ambiental.

Curso de Viveiristas

O curso de viveiristas foi ministrado pela engenheira agrícola Suzana Lopes Araújo, da Associação Serra Acima. Contou com aulas teóricas e práticas, além de visitas monitoradas a um viveiro reconhecido pela excelência dos trabalhos, na cidade de Pindamonhangaba. Em Piquete, receberam aulas práticas com Kiko Ribeiro, viveirista formado pela FCR em projetos anteriores.

Curso de Educação Ambiental

O curso de Educação Ambiental foi ministrado pela bióloga Diana Valeriano e teve como objetivos principais esclarecer a relevância de se implementar atividades de recuperação e o envolvimento da comunidade – agente real e principal beneficiária das ações conservacionistas.

Além de membros da comunidade participaram do curso funcionários e familiares da IMBEL/FPV, parceira da FCR no projeto.



Plantio de mudas próximo ao Limeira



Visita à represa Marechal Argollo, da FPV



Visita à foz do Limeira, em Lorena

Professora Diana ressaltou que recompor a cobertura florestal e recuperar as zonas ciliares são metas do governo do Estado de São Paulo (lei estadual nº 9.989, de 22-05-1998 e Decreto Estadual nº 49.723, de 24-06-2005). No entanto, o sucesso de projetos governamentais, como os previstos na Lei, depende não só de recursos materiais e humanos, mas principalmente do envolvimento da sociedade como um todo. Destacou, também, que a legislação ambiental não é levada ao conhecimento da população em geral, e, dessa forma, muitos se tornam infratores por desconhecimento. O curso buscou esclarecer, portanto, esses aspectos e sensibilizar os participantes sobre a necessidade da atuação individual consciente para se garantir a preservação e a recuperação do meio ambiente.

O curso contou, ainda, com palestra do Eng. Químico Dr. Lucrécio Fábio dos Santos, da Fábrica Presidente Vargas, sobre tratamento de efluentes daquela indústria.

Plantio de mudas

De acordo com o cronograma do projeto, a FCR finalizou o plantio de 12 mil mudas de espécies de mata atlântica, totalizando, assim, 29 mil unidades plantadas na bacia do ribeirão Limeira.

Visitas monitoradas

Além da visita ao viveiro de Pindamonhangaba, os participantes dos cursos conheceram a área de plantio do projeto próxima às nascentes do ribeirão da Limeira. Lá plantaram centenas de mudas, enriquecendo ainda mais a área. Estiveram

Fotos arquivo Pró-Memória



Curso de Ed. Ambiental



Visita à ETE da FPV

também na foz desse ribeirão, no campus da Escola de Engenharia de Lorena – USP. Com essas visitas, conheceram todo o percurso do Limeira e puderam entender a importância da revegetação de suas matas ciliares. Finalmente, após a palestra do engenheiro Lucrécio Fábio, o grupo conheceu as instalações da Estação de Tratamento de Afluentes (ETE) da FPV.

Todas as atividades estavam previstas nos projetos em andamento da Fundação Christiano Rosa financiados pelo FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos) e pelo convênio firmado com a AGEVAP / CEIVAP.



Visita a viveiro em Pindamonhangaba

FCR - 11 anos de cultura e história

A Fundação Christiano Rosa (FCR) comemora, neste mês de março, 11 anos de sua instituição.

Idealizada pela mente criativa da arquiteta Célia Ap. Rosa, uma apaixonada por Piquete, que, junto a um grupo de amigos institucionalizou o trabalho que já realizavam em prol da cidadania na comunidade piquetense, a FCR é, reconhecida local e regionalmente como exemplo de excelência na realização de seus trabalhos.

Centrada em conceitos como ética, profissionalismo e competência, a FCR, com uma estrutura baseada nos sólidos valores de seus instituidores, manteve e ampliou a abrangência dos ideais de sua principal mentora. Criado para divulgar seus trabalhos, "O ESTAFETA" vem cumprindo sua função, tendo sido premiado pela sua

qualidade, e se tornou referência para alunos, professores e pesquisadores de Piquete e da região. Na área ambiental, um de seus principais focos de atuação, a Fundação vem desenvolvendo diversos projetos que lhe proporcionaram "know-how" e respeitabilidade inigualáveis no Vale

do Paraíba.

Ciente de sua importância para o município, a Fundação renova, a cada ano, a cada novo desafio, a intenção de promover a cidadania e inculcar, principalmente na população jovem de Piquete, o amor por nossa cidade e o respeito pelo meio ambiente. Dessa forma, acredita estar contribuindo para que as gerações futuras recebam preservado o legado de história e cultura piquetenses.

Instalação oficial da FCR, em 13-06-1997



Geração presente

Abigayl Lea da Silva

Algumas décadas atrás, as famílias interessadas na formação de seus rapazes adquiriam uma pequena coleção escrita por Tihaner Tóth, arcebispo de Budapest, Hungria.

O primeiro livro da coleção intitulava-se "O Brilho da Mocidade". Nele, o autor exortava os moços a empregar a força da idade para continuar empunhando o bastão da história.

Que aconteceria à história se, de repente, uma geração falhasse – se uma aldeia indígena se preparasse para a festa periódica da furação da orelha e todos os rapazes daquela faixa etária estivessem prejudicados por uma doença degenerativa? Se a Junta de Alistamento Militar convocasse uma classe e só aparecessem drogados e mutilados?

A história é uma corrida de revezamento. Há sempre alguém chegando ao ponto da transferência do bastão; e é necessário que alguém esteja pronto para recebê-lo.

A análise da juventude brasileira deste início de terceiro milênio impressiona favoravelmente.

Quem assiste ao programa Prelúdio, da TV Cultura de São Paulo, é obrigado a reverenciar o esforço dos candidatos que, em plena adolescência, já podem ser chamados artistas.

O maestro Júlio Medaglia, regente da orquestra com a qual os jovens se apre-

sentam, e os especialistas da comissão julgadora do "único programa de calouros de música erudita" são credores do nosso respeito.

O Instituto Goethe oferece ao vencedor do concurso uma bolsa de estudos na Alemanha.

Seria muito bom que outras entidades se interessassem para que outros prêmios e outras bolsas surgissem. Em vez de uma bolsa para todos os instrumentos, poderia haver uma bolsa para canto, outra para cordas, outra para madeiras, outra para metais, outra para teclados e outra para percussão. Dói na alma ver um esplêndido cantor perder para um elegante pianista ou para um espirituoso trombonista.

Nas ciências, além do Prêmio Jovem Cientista, que todos conhecemos, temos de aplaudir as movimentadas feiras do nível médio e as demonstrações de pesquisas feitas pelos jovens universitários.

E vêm aí os Jogos Olímpicos. Com ou sem patrocínio, lá vão os nossos jovens para a China.

Vão observando, vão perdendo o receio, vão contabilizando os riscos e as possibilidades e, de repente, alguém no pódio!

Parabéns aos nossos jovens do início do terceiro milênio! Parabéns aos pais, aos professores e aos patrocinadores.

Notas da Cidade

✓ Dia Internacional da Mulher

A Câmara Municipal promoveu, no dia 28 de março, evento comemorativo do Dia Internacional da Mulher (8 de março), que contou com palestra da deputada estadual Ana Perugini sob o tema "A mulher na Sociedade e na Política". Na ocasião, foram homenageadas Ana Lúcia da Silva Nunes, Celeste Maria Custódio, Edna Catarina C. Assaf, Eugênia Callil Soares, Iracema de Paula Bernardo, Iracy Maciel Jordão, Margarida de Oliveira Costa, Maria Donizetti das Graças M. Silva e Wanda de Oliveira Motta Guedes.

✓ 99 anos da Fábrica

A Fábrica Presidente Vargas completou, no dia 15 de março, 99 anos. Sob a coordenação de seu superintendente, Gen. Fernando Veloso Manguinho, a data foi comemorada com solenidades cívicas e almoço nas dependências da área fabril. Houve, também, no "Elefante Branco", um animado baile para funcionários e seus convidados.

Gen. Fernando Manguinho

Colaborador da FCR, o Gen. Fernando Manguinho deixará o comando da FPV no dia 28 de março. Entusiasmado por Piquete, Manguinho preocupou-se com o patrimônio histórico-ambiental da FPV, colaborando em diversas ações que permitiram seu resgate. A FCR agradece-lhe pelos trabalhos realizados em parceria, desejando-lhe sucesso em novos desafios.

✓ Nelo Pelegrine

Patrocinado pelo jornal "Folha Piquetense", em 28 de maio de 1970, ocorreu um concurso que mobilizou grande parte da população: a escolha do Hino de Piquete.

O concurso contou com uma comissão julgadora de alto gabarito nomeada pelo prefeito Luiz Vieira Soares. Era formada por Francisco Ferreira Leite, os professores Agostinho Ramos, de Cachoeira Paulista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paul, Paulo Pereira dos Reis, Nilza Chagas, João Vieira Soares e o jornalista Arthur Diniz. Houve o máximo rigor na escolha, tanto que, somente depois de conhecidos os resultados foram identificados os concorrentes. O primeiro lugar coube ao pseudônimo "Emalial", com média 9,23. O segundo lugar ficou com "Juriti", com média 6,12. Terceiro lugar: "Germana", que obteve 6,05 de média.

No dia 15 de junho de 1970, nas comemorações do dia do município, a comunidade pôde, finalmente, conhecer o autor de tão inspirados versos – Nelo Pelegrine. Apaixonado pela geografia de Piquete e paisagens serranas, esse sensível artista sempre foi um grande andarilho, tendo percorrido os caminhos e picadas da Mantiqueira, sorvendo suas belezas naturais e fixando imagens que traduziu nas letras do premiado poema.

Recentemente falecido, "O Estafeta" deixa registradas suas homenagens ao seu colaborador, que entra para a história de Piquete como autor de seu hino.